



## Viver a justiça misericordiosa de Deus

*Padre José Jacinto Ferreira de Farias, scj –  
Conselheiro Espiritual da ERI*

A melhor síntese teológica sobre a misericórdia encontra-se na encíclica de S. João Paulo II, *Dives in misericordia* [30 de Novembro de 1980], segundo a qual a misericórdia é o atributo divino que melhor exprime o sentido do mistério da encarnação do Filho de Deus. Na bula *Misericordiae vultus* [11 de Abril de 2015], o Papa Francisco menciona dois textos da encíclica de S. João Paulo II que chamam a nossa atenção para a situação contemporânea da humanidade, para a qual o conceito mesmo de misericórdia lhe parece estranho. S. João Paulo II e o Papa Francisco reconhecem que o homem contemporâneo está exposto a um enorme perigo: o de perder o coração.

Numa sociedade do lucro, da eficácia e das quantidades, o homem é reduzido a uma máquina, a uma força de produção. Por isso, o maior perigo que o homem hoje corre é de perder o coração. E o facto de o conceito de misericórdia soar estranho é um dos sintomas da crise que o homem de hoje corre de assistir ao colapso da própria humanidade. Na verdade, na sua etimologia, a misericórdia tem a ver com o coração, ou seja, com a capacidade de abertura e de atenção a quem se sente miserável e mesmo desprezível. A misericórdia aproxima-se assim da compaixão, a capacidade de sofrer com o outro. Numa meditação sobre o Filho pródigo, o P. Caffarel propõe uma compreensão da misericórdia e da compaixão que vai neste sentido. Escreve o P. Caffarel: «Compaixão é sofrer com o mal do outro». Ora, neste sentido, compaixão e misericórdia são conceitos afins que vão na mesma direcção de uma atenção compassiva e benevolente com o sofrimento dos outros. Neste sentido, misericórdia e compaixão traduzem a consolação que se dá quando se faz companhia a quem se sente só. Esta solidão é seguramente uma das maiores misérias que afectam o homem hoje.

No entanto, não é suficiente apelar à misericórdia, porque, considerada unilateralmente, não resolve o problema do homem de hoje nem evita o risco de desumanização que ele corre, ao perder o coração. A misericórdia precisa de ser equilibrada com a justiça.

A noção mais elementar de justiça é dar ao outro aquilo a que tem direito. É uma forma de traduzir a regra de ouro: não faças ao outro o que não queres que te façam a ti. O equilíbrio de uma sociedade depende então da relação entre a



misericórdia e a justiça, pois a misericórdia sem a justiça conduz à ruína e a justiça sem a misericórdia é crueldade.

Nesta conferência gostaria de chamar a vossa atenção para este equilíbrio, a partir da meditação de duas parábolas e de dois encontros que encontramos no evangelho. Estes textos oferecem-nos a base para a compreensão teórica e prática duma justiça misericordiosa.

## 1. Duas parábolas e dois encontros

### 1.1. A parábola do filho pródigo

Conhecemos bem a parábola do Filho pródigo, que constitui a estrutura espiritual deste nosso encontro. O ponto focal da parábola é mostrar a *compaixão* do Pai quando acolhe o filho que regressa a casa: *Ainda estava longe quando o pai o viu e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos»* (Lc 1520). Vou apenas focar a atenção em dois pontos: a noção de *herança* e a noção de *casa*, para onde o filho regressa.

A *herança* que o filho reivindica e que vai esbanjar é a sua *ousia*, no original grego, traduzido em latim por *substantia*. De facto, estes termos podem ter o sentido da herança em termos materiais, mas também têm o sentido da *essência*, aquilo que de facto somos ontologicamente no nosso ser. No conjunto da parábola, a *herança* diz respeito à condição *filial*, que o filho mais novo quer viver a seu jeito, longe da casa paterna. E o resultado é que acaba por esbanjar completamente esta *fortuna*. De facto, no fim, não lhe resta outra coisa senão viver entre os porcos, os animais impuros por excelência. Aqui está ilustrada a noção de *pecado* que diz respeito à perda e a degradação da condição do homem, que desce na escala do ser, afastando-se e esquecendo-se de si mesmo, afundando-se na porcaria de uma vida perdida, da morte. O afastamento do filho que quer viver a sua *herança* é o paralelo no Novo Testamento da experiência de Adão, que, sendo criado à imagem e semelhança de Deus, quer *ser como Deus*, mas à sua maneira, tal como o filho pródigo, e o resultado é quase o mesmo: ele descobre que está nu! Tanto Filho pródigo como Adão representam a condição do homem de todos os tempos, de hoje também, que pretende servir-se à sua maneira da sua liberdade! A partir destas figuras, de Adão e do Filho pródigo, podemos entender melhor o que está a passar-se hoje: a crise dos



valores, que é a crise do que é o homem em si mesmo, hoje degradado a uma condição inferior aos próprios animais, que são mais protegidos pelas leis do que os próprios humanos. O homem contemporâneo perdeu a noção da sua dignidade, esqueceu-se de si.

O pecado atinge assim a essência, a *substantia* do homem, a sua dignidade de filho. À medida em que se afasta da casa do pai, o filho afasta-se de si, alheia-se a respeito de si mesmo. O regresso do Filho à casa paterna, nesta parábola, significa que o filho se recorda da sua dignidade de filho e da compaixão do pai que lhe restitui essa dignidade. Aqui está o sentido do perdão, que é simultaneamente misericórdia e justiça: misericórdia, porque é comoção do coração que acolhe o filho com amor; e justiça, porque o perdão misericordioso oferece ao filho aquilo a que tem direito, ser filho, e que ele, ao se afastar, tinha esbanjado, mas que agora lhe é dado. A parábola do filho pródigo é a melhor ilustração do que é a justiça misericordiosa do perdão.

A *casa do Pai* é uma figura da Igreja, sobre a qual temos uma bela expressão de São Cipriano de Cartago, que se tornou um importante axioma teológico: "ninguém pode ter Deus por Pai se não tiver a Igreja por mãe"<sup>1</sup>. A Igreja é verdadeiramente a casa do Pai, na qual podemos celebrar o perdão, a compaixão divina e assim recuperar a nossa dignidade de filhos amados do Pai. Aqui está o sentido do sacramento da penitência, o sacramento do perdão, onde podemos verdadeiramente fazer a experiência da justiça misericordiosa, sinal eficaz do amor de Deus que nos precede.

## 1.2. A parábola do bom samaritano: encheu-se de compaixão

A parábola do bom samaritano ilustra também a misericórdia e a justiça como atributos do mistério de Deus. De facto toda a parábola contém um sentido cristológico, pois o bom samaritano é o próprio Cristo. O homem abandonado quase morto na berma da estrada evoca a condição do homem decaído, tanto de Adão como de cada um de nós. A estalagem representa a Igreja e os que cuidam do homem, os seus ministros. Este cuidado pelo homem decaído realiza-se na Igreja pelo ministério sacerdotal, nos sacramentos, sobretudo os que celebram a misericórdia – o baptismo e a penitência. Eles são os sinais eficazes da misericórdia e da compaixão divinas.

---

<sup>1</sup> "Habere iam non potest Deum patrem, qui Ecclesiam non habet matrem" (De *Catholicae Ecclesiae Unitate*, 6).



Na parábola do bom samaritano há ainda a evocação do risco da liberdade ou da ousadia do homem de querer percorrer sozinho um caminho muito perigoso. O pecado pode também ser entendido como esta pretensão de uma autossuficiência da liberdade, como se fosse possível ao homem percorrer sozinho o caminho da vida e ter a força suficiente em si para enfrentar os inimigos, que podem despojar o homem do seu bem mais precioso, a graça da filiação divina. Por isso, ao entregar o homem aos cuidados da Igreja e aos seus ministros, a parábola diz-nos que precisamos da comunidade para caminharmos em segurança. O bom samaritano só num primeiro momento é que cuida do homem; mas entrega-o depois aos cuidados da comunidade. Então, quando na parábola se diz – «vai e faz tu o mesmo» (Lc 10,37) – isso quer dizer que devemos cuidar do nosso próximo, das nossas periferias existenciais, e, por isso, devemos superar a cultura da indiferença. Devemos, portanto, ser imitadores de Deus, o bom samaritano, para o qual ninguém lhe é absolutamente indiferente.

### **1.3. Dois encontros: Zaqueu e a mulher adúltera**

Em Zaqueu, a compaixão e a misericórdia divinas aparecem na vontade de Jesus de ficar em sua casa: «hoje quero ficar em tua casa» (Lc 19,5). Desta visita resulta a conversão de Zaqueu e a sua decisão de restituir quatro vezes mais àqueles que tinha roubado e dar metade dos seus bens aos pobres. No fundo, Zaqueu deixou tudo, segundo a palavra do Senhor: «se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me» (Mt 19, 21). O verdadeiro encontro com o Senhor muda radicalmente a vida do homem. Zaqueu tornou-se discípulo de Jesus. O relato evangélico transmite o testemunho de Zaqueu o qual podia dizer: eu era um grande ladrão, mas desde que o Senhor entrou na minha casa, a minha vida transformou-se radicalmente.

O caso da mulher adúltera é também muito especial. Ela era acusada de adultério, condenado pela lei de Moisés. Por isso, a sentença já estava declarada. Apresentam-na a Jesus para o confrontarem com a lei e assim terem um motivo para o condenarem. «Mas Jesus inclinando-se, pôs-se a escrever no chão com o dedo» (Jo 8,6). Este gesto de Jesus tem dois sentidos: Jesus escreve na areia a nova lei do amor e do perdão, pois Deus não quer a morte do pecador, mas que ele viva. Este é o primeiro sentido. Mas Jesus inclina-se para o chão, como que desviando o seu olhar da mulher, ao contrário dos seus acusadores que a olhavam com desprezo. Jesus mostra assim que o pecador merece sempre o



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro  
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

**Fátima 2018**

**16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio**

---

respeito à sua dignidade, mesmo se perdida, e é este respeito misericordioso que o toca, oferecendo-lhe uma nova oportunidade: «ninguém te condenou? Eu também não te condeno: vai e não tornes a pecar» (Jo 8,11).

O encontro com Jesus mudou a vida daquela mulher, pois o perdão que ela recebe, de não ser apedrejada, significa a oportunidade de voltar para o seu verdadeiro marido e de lhe ser fiel. A nova lei, que Jesus escreve na areia, é a lei do Espírito Santo, que quebra a dureza do coração e transforma os corações de pedra em corações de carne. A não condenação de Jesus significa que ela não deve ser apedrejada, pois esta lei, que punia apenas a mulher, correspondia à dureza do coração que Moisés não tinha conseguido quebrar, mas que agora a nova lei do Espírito pode alcançar. «Vai em paz e não tornes a pecar» tem como consequência que ela deve pedir perdão ao seu marido e viver reconciliada e em paz com ele. E este foi o testemunho da mulher que podia dizer: eu era uma grande pecadora, infiel ao meu marido, mas o Senhor perdoou o meu pecado e agora posso ser fiel ao meu marido que me acolheu e agora vivemos como discípulos do Senhor, porque, na sua escola, aprendemos o que é o perdão e a misericórdia do Senhor.

## **2. A justiça misericordiosa**

Na encíclica *Dives in misericordia* (30 de Novembro de 1980) S. João Paulo II inspira-se nestes textos que acabámos de analisar (e em muitos outros, na sua síntese bíblica e teológica sobre este tema) para nos mostrar que a misericórdia se exprime na capacidade de compaixão, ou seja, de sofrer com quem sofre, numa atitude que é muito diferente do juízo, como vimos nos textos. De facto, a misericórdia, na sua etimologia tem a ver com a capacidade que vem do coração, de estar atento ao miserável e àquele que se sente desprezível e até indigno de ser objecto de atenção e de amor. Ora, o que colhemos da meditação das parábolas e dos encontros, é este sentido inspirador de uma prática, como nos encontros, onde a compaixão e a misericórdia se tornam acto. O que está aqui em causa é a relação com a justiça, uma vez que tanto as parábolas como os encontros nos mostram situações em que as pessoas perderam o sentido da sua dignidade, pelo pecado ou pelo excesso de ambição, como em Zaqueu, o que o tornava, naquele contexto histórico, odiável, desprezível. Mas o encontro com Cristo, em Zaqueu e na mulher adúltera, fê-los muda de vida, tornarem-se



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro  
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

**Fátima 2018**

**16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio**

---

discípulos, foram integrados na comunidade dos discípulos de Jesus. Era nesta qualidade de pessoas renovadas que davam o seu testemunho e que ficou registado como evangelho para todos, inclusive para nós hoje. Aqui a misericórdia e a justiça encontram-se com a caridade, com o amor cristão. De facto, só o amor pode curar e restituir ao homem a sua dignidade perdida. No encontro com Jesus, descobriram que ainda eram amáveis, dignos de ser amados e por isso puderam superar o complexo de serem desprezíveis a que se sentiam condenados.

Na *Dives in misericórdia*, encontramos uma preocupação teórica, para mostrar que a cordialidade e a compaixão fazem parte dos atributos essenciais de Deus, que se fez homem, em Jesus Cristo, para nos restituir por graça a nossa dignidade verdadeiramente humana, correspondente às intenções de Deus no seu desígnio a respeito do homem, na criação e na redenção. Esta encíclica foi a segunda de um programa trinitário, entre a *Redemptor hominis*, sobre Jesus Cristo redentor (4 de Março de 1979) e a *Dominum et Vivificantem*, sobre o Espírito Santo (18 de Maio de 1986). Segundo S. João Paulo II, a contemplação da misericórdia divina – Deus tem um coração misericordioso e compassivo – deve levar a saborear essa misericórdia, na celebração dos sacramentos, especialmente a confissão que significa a proclamação de que Deus ama o pecador, mesmo quando se considera indigno desse amor. E depois, como consequência, deve traduzir-se nas obras de misericórdia, através de sentimentos de compaixão para com o próximo.

É assim que a misericórdia leva à justiça, não só como equidade, mas também como benevolência: querer bem ao outro por aquilo que ele é e não por aquilo que ele pode dar. Mas também porque o outro é sempre digno de ser amado, e o amor deve traduzir-se no perdão que é a forma mais perfeita de querer bem, de amar.

O Papa Francisco tem assumido o magistério de S. João Paulo II no que diz respeito aos aspectos teóricos, e insistido muito na prática da misericórdia. Foi nesse sentido que promoveu o ano santo da misericórdia, movido pela consciência que tem que é urgente a prática da misericórdia, sobretudo sacramental, nesta fase da história em que nos encontramos.



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro  
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

**Fátima 2018**

*16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio*

---

Na mensagem de Nossa Senhora de Fátima estão bem presentes os apelos à reparação e à consolação a Deus – consolai o vosso Deus, pediu o Anjo - e à oração e ao sacrifício reparador pelos pobres pecadores, porque muitos são os que se perdem porque ninguém reza por eles. De facto, o que é o pecado senão o afastamento de Deus, como se o pecador O deixasse só? E que é a *consolação* senão fazer companhia a alguém se sente só? E a solidão não será o grande mal do nosso tempo? E que é que fazemos neste sentido? Não será esta espiritualidade para todos nós um vasto campo não apenas de reflexão teórica, mas sobretudo de intervenção activa de intercessão, como pedia o Padre Caffarel? Aqui fica o desafio!

### **Conclusão**

Resta-nos a nós, como casais e conselheiros espirituais, fazer esta experiência: de nos deixarmos tocar pelo Senhor no encontro libertador, tal como Zaqueu e a mulher adúltera e nos deixamos confiar à Igreja e aos seus ministros para que nos curem das nossas chagas materiais e sobretudo espirituais. Quando nos arriscamos a percorrer sozinhos os caminhos da vida, expomo-nos a muitos perigos que nos espreitam a cada esquina do caminho. Mas, curados e fortalecidos pela graça do encontro com o Senhor na comunidade dos irmãos, poderemos ser verdadeiramente anunciadores da esperança, a virtude humana e teologal que é o resultado de nos sentirmos acolhidos e amados, mesmo se continuamos a nos sentir indignos. É bom recordar a experiência da conversão do Padre Caffarel, o momento em que ele reconheceu ser amado e amar. A partir daquele momento tudo estava jogado, disse!

Que as nossas equipas sejam verdadeiramente estes espaços de acolhimento e de encontro, onde os casais possam encontrar a força para serem sentinelas da esperança para o mundo do nosso tempo.